

O protagonismo feminino nas Ciências Naturais: experiências de mulheres discentes na Universidade Federal de Sergipe

Bruna Serra de Santana Costa¹

Aline Lima de Oliveira Nepomuceno²

Marynara Costa Santos³

Viviane Almeida Rezende⁴

Resumo: A participação de mulheres na história da ciência foi marcada por inconstâncias. Desde quando a questão do lugar da mulher na ciência passou a se destacar, diversas autoras se dedicam a compreender a suposta “invisibilidade” feminina na ciência. Portanto, percebe-se que quando falamos na presença feminina precisamos lembrar que a história das mulheres é recente e permeada de relações de poder. Assim, a proposta desse trabalho é fazer uma breve análise de como têm sido a atuação da mulher discente no campo científico da Universidade Federal de Sergipe, para que haja uma reflexão acerca dos discursos e práticas sociais que intercedem sobre as mulheres cientistas. Os resultados mostraram que apesar de terem mais discentes bolsistas PIBIC, a presença masculina ainda consegue ser maior quando analisamos as orientações que essas mulheres recebem, evidenciando, portanto, um tipo de relação de poder, que ao interpelar os sujeitos ensinam formas de ser e agir.

Palavras chave: Feminismo, Ciência, Relações de Poder, Universidade.

1 Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Sergipe - UFS
bruna.sscbioufs@gmail.com;

2 Doutora em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe – UFS, Professora adjunta do Departamento de Biologia UFS, aline_limadeoliveira@yahoo.com.br

3 Graduanda do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Sergipe - UFS,
marynara@academico.ufs.br;

4 Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe; professora da Educação Básica do Estado de Sergipe, viviane_biolgia@yahoo.com.br.

Introdução

Segundo Schiebinger (2001), a participação de mulheres na história da ciência foi marcada por ausências e presenças. Nos anos iniciais da Revolução Científica, muitas mulheres envolveram-se com atividades científicas, porém, com a institucionalização e profissionalização da ciência, a separação entre público e privado, e conseqüentemente com o desenvolvimento do capitalismo, a participação da mulher, que já era estrita, ficou ainda mais limitada.

Desde 1970, quando a questão do lugar da mulher na ciência passou a se destacar, diversas autoras têm se dedicado a compreender e discutir a “invisibilidade” das mulheres na história da produção científica, buscando visibilizá-las, mostrando que elas têm uma história, da qual são também sujeitos ativos. (SILVA, 2012)

Nesse sentido, pesquisas que refletem sobre a relação entre ciência e gênero tornam-se fundamentais na discussão do grande viés sexista e androcêntrico que tem permeado a ciência e que se apresenta na sub-representação das mulheres nas práticas de instituições científicas. Assim, ao analisarmos as experiências dessas mulheres na ciência podemos “explorar como se estabelece a diferença - e a identidade -, como ela opera, como e de que forma ela constitui sujeitos que veem e agem no mundo” (SCOTT, 1999, p. 26).

Desse modo, percebe-se que quando se fala na presença feminina na história da ciência é importante lembrar que a história das mulheres é uma história recente, e que apesar do aumento do acesso das mulheres à educação e aos diferentes campos da ciência, evidencia-se que em determinadas áreas do conhecimento científico há uma supremacia masculina. Estudos mostram que, mesmo com a maior participação da mulher no sistema brasileiro de Ciência e Tecnologia, elas têm tido chances menores de sucesso e ascensão na carreira. No campo das Ciências Naturais e Exatas, por exemplo, são menos contempladas com bolsas de produtividade do CNPq, estão sub-representadas nos cargos administrativos das universidades e entre os acadêmicos da Academia Brasileira de Ciências. (LETA, 2003; SILVA, 2008)

Nesse contexto, torna-se relevante discutir a participação de mulheres no campo da ciência moderna, já que todo conhecimento científico, por ser uma construção social, deve ser situado em tempo, espaço e sujeitos. (HARDING, 1993). Além de discutir também a importância de estudos nessa natureza, na região nordeste, uma região periférica no contexto científico-tecnológico nacional. Essa marginalização da região Nordeste reflete muito

as desigualdades sociais e econômicas existentes no nosso país, e que fundamentam a construção da Política Nacional de Ciência, Tecnologia e Informação (CT&I) (SANTOS, 2016). De acordo com o Mapa de Investimentos do CNPQ as regiões Sul e Sudeste possuem maiores índices de produtividade por pesquisa, movimentando assim os maiores recursos, sendo o Sudeste em específica a região com maior demanda e atendimento para a concessão de bolsas. (CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO-TECNOLÓGICO, 2014)

Com isso, esta pesquisa tem como objetivo identificar as mulheres discentes que atuam na produção científica nos cursos de graduação de Ciências Naturais da Universidade Federal de Sergipe (UFS), apresentando e discutindo alguns dados quantitativos sobre a participação de mulheres na produção científica na instituição. A escolha pelo campo de pesquisa deve-se a pouca participação histórica da mulher em áreas específicas da pesquisa universitária e pela ausência ou reduzida produção de pesquisas que relacionem gênero e ciência em Sergipe. Sendo assim, os resultados desta pesquisa podem ser significativos por apresentar alguns elementos do cenário sergipano, contribuindo para a discussão em nível de nordeste e, conseqüentemente para os estudos da inserção da mulher na produção científica brasileira. Ademais, pesquisas que relacionam gênero e ciência são relevantes para a reflexão sobre o campo de atuação da mulher na produção científica, visando o incentivo do protagonismo feminino, estimulando a inserção e a permanência da mulher nas carreiras científicas e buscando a igualdade de gênero.

Metodologia

Para cumprimento dos objetivos desta pesquisa, inicialmente foi realizada uma pesquisa documental que compõe a etapa exploratória, centrada em documentos (cadastros funcionais, matrícula institucional, cadastro PIBIC) com dados encontrados no sistema SIGAA (Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas), que, no âmbito local, possam refletir sobre o campo de atuação da mulher na produção Científica visando o incentivo do protagonismo feminino, estimulando a inserção e a permanência da mulher na carreira científica.

A delimitação da amostragem de discentes para a análise documental foi feita seguindo os seguintes critérios: cursos de bacharelado em Ciências Naturais presenciais, do campus São Cristóvão; as alunas de iniciação

científica, vinculadas a alguma instituição de fomento à pesquisa (INCT ou COPES), no exercício 2019-2020.

Após delimitação da amostra foram coletadas as seguintes informações sobre as participantes: o curso, (ii) departamento vinculado ao curso, (iii) o nome da pesquisa a qual essa aluna está vinculada e (iv) o pesquisador(a) que orienta a participante. Foram utilizados métodos quantitativos para a estruturação de tabelas e gráficos que possam revelar a atuação do protagonismo feminino discente na produção científica dos cursos de graduação de Ciências Naturais da UFS.

Os cursos de Ciências Naturais selecionados foram os cursos de: Ciências Biológicas, Ecologia, Engenharia Agrônômica, Engenharia Ambiental, Engenharia de Pesca, Engenharia Florestal, Engenharia Química, Física, Astrofísica, Geologia, Medicina Veterinária, Química e Zootecnia.

Resultados e Discussões

De acordo com os dados coletados podemos perceber a atuação feminina nos cursos de Ciências Naturais: de 123 pesquisas que estão sendo realizadas (2019/2020) em todos os cursos analisados, 52,85% são realizadas por alunas mulheres de iniciação científica, o que equivale a 65 pesquisas. E 47,15% são pesquisas realizadas por alunos homens.

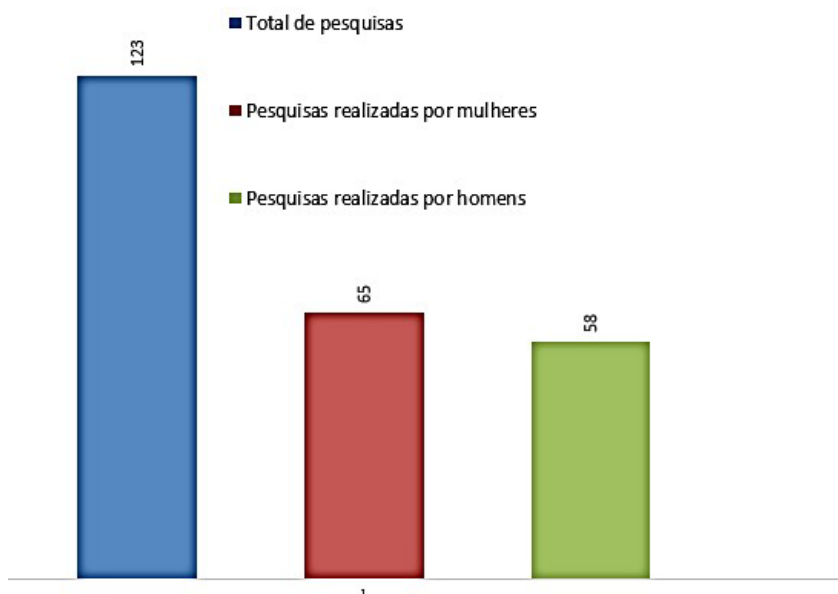
CURSO	TOTAL	MULHERES	HOMENS	MULHERES ORIENTADAS POR MULHERES	MULHERES ORIENTADAS POR HOMENS
C. Biológicas	21	13	8	4	9
Ecologia	6	2	4	1	1
Engenharia Agrônômica	13	3	10	1	2
Engenharia Ambiental	5	2	3	1	1
Engenharia de Pesca	2	2	0	2	0
Engenharia Florestal	11	6	5	1	5
Engenharia Química	9	6	3	1	5
Física	8	4	4	1	3
Astrofísica	4	1	3	0	1
Geologia	4	2	2	2	0
Medicina Veterinária	10	6	4	4	2
Química	21	12	9	6	6
Zootecnia	9	6	3	1	5
	123	65	58	25	40

Esse dado reflete, portanto, uma conquista feminina em espaços majoritariamente masculinos como a Ciência. A generização científica, que se desenvolveu no século XVIII, na sociedade europeia, iniciou-se a partir da separação da sociedade em duas esferas, a esfera pública do governo e das profissões e a esfera privada da família e do lar. Os homens (da elite e da classe-média) encontraram seu lugar “natural” na esfera pública, enquanto as mulheres dessas classes tornaram-se mães recém-habilitadas dentro do lar (SCHIENBINGER, 2001). Esse fator da divisão da sociedade europeia deu prosseguimento ao processo de divisão sexual do trabalho, de onde surgiu a ideia da mulher privada, do lar, mãe e nutridora da família, portanto, a sociedade definiu papéis exclusivos para os homens e mulheres, fazendo com que as mulheres ficassem concentradas na esfera privada, afastando-se assim da esfera pública e conseqüentemente da ciência.

Apesar da maior participação das mulheres nas pesquisas realizadas nas Ciências Naturais da UFS, percebe-se pelos dados coletados que ainda há um maior quantitativo de homens atuando na produção científica (Gráfico 1).

Gráfico 1: Análise da atuação feminina das discentes na produção científica. N=123.

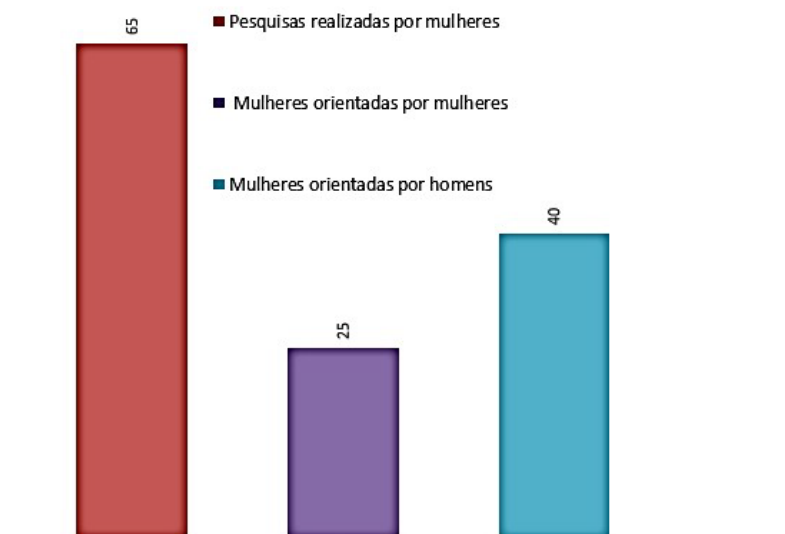
ANÁLISE DA ATUAÇÃO FEMININA DAS DISCENTES NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA



Embora, a maior quantidade das pesquisas seja realizada por discentes mulheres, dessas 65 pesquisas, 62%, o equivalente a 40 pesquisas, tem como orientador um homem, evidenciando, portanto, um fator que pode representar uma relação de poder ainda existente de homens sobre as mulheres na ciência.

No campo das orientações das pesquisas desenvolvidas na universidade, os dados apresentados no gráfico 2 também explicitam a maior atuação de homens.

Gráfico 2: Análise da atuação feminina das discentes na produção científica. N=65.
ANÁLISE DA ATUAÇÃO FEMININA DAS DISCENTES NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA



Os dados mostrados nesta pesquisa, embora não sejam conclusivos, necessitando um aprofundamento dos diversos aspectos que limitam a inserção e a participação das mulheres na pesquisa científica, são significativos, pois ao serem analisados numa linha histórica, destacam dois pontos importantes: 1) o crescimento do número de mulheres na pesquisa, especialmente em áreas de domínio masculino; e 2) a permanência da supremacia de homens no cenário de pesquisas aprovadas e orientadas na universidade.

O levantamento desses dados sinaliza para a necessidade do desenvolvimento de pesquisas que investiguem os aspectos que envolvem a atuação da mulher, procurando refletir sobre suas dificuldades e desafios de inserção no campo científico. É importante discutir as questões de gênero

manifestadas nas relações de poder e nas vivências cotidianas no campo científico onde essas mulheres são inseridas.

Apesar de observamos um aumento da participação da mulher no campo científico, ainda é possível identificar a existência de duas formas de sub-representação feminina: a exclusão horizontal, que se refere ao número reduzido de mulheres em algumas áreas e subáreas do conhecimento, e a exclusão vertical, que indica um número também reduzido de mulheres em cargos de prestígio em todas as áreas do conhecimento (LIMA; BRAGA TAVARES, 2015). Refletir sobre essas duas formas de exclusão é de grande importância para analisarmos as razões pelas quais a sub-representação das mulheres existe e como ela é construída a partir da inserção feminina no campo da produção científica.

Considerações Finais

De acordo com a análise dos dados da pesquisa podemos perceber que a atuação feminina discente na iniciação científica é feita de forma mais equiparada as atuações masculinas, embora ainda identificando uma maior atuação dos homens na produção e orientação de pesquisa. Porém, quando começamos a observar os postos de maior prestígio intelectual na academia (professores, doutores, mestres), começamos ver um esvaziamento feminino, reforçando ainda mais o estigma do “modelo masculino de carreira”, visto que apesar das mulheres estarem produzindo ciência diretamente, elas não conseguem ocupar lugares de maior reconhecimento e poder.

Embora os dados apresentados neste artigo não sejam conclusivos, eles apontam elementos que requerem futuras pesquisas que aprofundem as relações de gênero na produção científica na UFS, compreendendo como as mulheres tem sido inseridas e quais obstáculos enfrentados por elas, especialmente nas áreas de maior atuação masculina.

Agradecimentos e Apoios

Agradecemos a agência de fomento a pesquisa da Universidade Federal de Sergipe (COPES) pelo investimento e disponibilização dos dados utilizados na pesquisa.

Referências

CNPq. **Painel de demanda e atendimento**. Brasil, 2014. Disponível em: <http://cnpq.br/demanda-e-atendimento/>. Acesso em: 08/05/2020.

HARDING, Sandra. **A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, n. 1, p. 7-31, jan./jul. 1993.

ORSO, P. J. **A concepção de poder em Michel Foucault e as relações de poder na Universidade Estadual do Oeste do Paraná**. UNIOESTE – Campinas, SP, 1996.

SCHIEBINGER, L. **O feminismo mudou a ciência?** São Paulo: EDUSC, 2001.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.71-99, 1999.

SILVA, E. **A (in)visibilidade das mulheres no campo científico**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.30, p.133-148, jun.2008

LIMA, Betina Stefanello; BRAGA, Maria Lúcia de Santana; TAVARES, Isabel. Participação das mulheres nas ciências e tecnologias: entre espaços ocupados e lacunas. **Gênero**. Niterói. v.16, n.1, p. 11 – 31, 2015.